# Como resolver problemas filosóficos\* - 27/02/2019

Perguntamos: problemas filsóficos podem ser resolvidos através de proposições  
lógicas ou de um mero discurso do senso comum?   
  
\_Isomorfismo\_. Partimos da tríade linguagem, pensamento e realidade. O  
primeiro Wittgenstein, do \_Tractatus\_ , se questiona se existiria uma ordem a  
priori no mundo e, se sim, em que consistiria? Para o 1º W[i], sim: há uma  
ordem no mundo e ela é a estrutura lógica composta por um mesmo esqueleto que  
parte do isomorfismo entre linguagem, pensamento e realidade, representada  
pela lógica simbólica, cujo embrião já estava presente em Russell. De acordo  
com Schwartz, podemos encontrar nos \_Principia Mathematica\_ , uma definição do  
atomismo lógico como o mundo tendo a estrutura da lógica matemática. Porém,  
salienta Schwartz, se há um potencial da ordenação do mundo que se baseia no  
pensamento e na linguagem, esta é imprecisa. Assim, a lógica simbólica deveria  
ser usada para ordenar pensamento e linguagem e resolver problemas  
filosóficos, valendo-se de uma linguagem ideal. Do que se cunha: “A proposição  
mostra a forma lógica da realidade”. Nada mais cristalino para uma definição  
positivista. Já o 2º W[ii] revela a ilusão do \_Tractatus\_ : uma ordem a priori  
que correlaciona linguagem e mundo, ordem simples, sem interferência empírica  
e anterior à experiência.  
  
\_Significado\_. Além do isomorfismo, o 1º W também definiu a teoria pictórica  
do significado. Por ela, enunciados obtém significado ao representar fatos: se  
sim, são enunciados verdadeiros, se não, falsos. Ryle a chama de “Fido”-Fido:  
Fido representa Fido, tratando-a como uma teoria grotesca. Seguindo Sto  
Agostinho, que revelou que aprendeu a linguagem a partir de quais objetos as  
palavras representam, a teoria do significado dos formalistas usa elementos de  
linguagem para retratar, nomear. Tal teoria é criticada pelo 2º W como sendo  
uma simplificação extrema focando em apenas um tipo de função de linguagem.  
Juntamente com Austin, argumentam que a linguagem não é apenas isso: “Para uma  
grande classe de casos em que empregamos a palavra significado – embora não  
todos -, ela pode ser explicada da seguinte maneira: o significado de uma  
palavra é seu uso na linguagem” (p. 128). Significado é uso, saber como usar a  
linguagem é uma técnica (regras, convenções). Portanto, o uso não é óbvio,  
ainda mais em Filosofia.  
  
\_Jogos de linguagem\_. O 2º W também trata dos jogos de linguagem, pelos quais  
elementos de linguagem são como lances em um jogo regido por regras. Se a  
teoria pictórica do significado dos formalistas trata o significado como  
propriedade formal das palavras, o 2º W nos questiona: “O signo sozinho parece  
morto. O que lhe dá vida? – No uso, ele vive.”. Jogos de linguagem salientam  
que os usos são infinitos e variados, assim como o são nossas vidas ativas. Há  
uma conjectura por parte dos formalistas ao afirmar que a palavra representa a  
coisa, isso seria um erro. Para Frege, Russell: “cada termo teria exatamente  
um significado perfeitamente preciso”. Conforme Schwartz, o projeto dos  
formalistas da linguagem ideal é um projeto sem esperança.  
  
\_Atos de fala\_. Nesse contexto de Oxford, de uso comum da linguagem em  
Filosofia e para resolver problemas filosóficos, concluiremos com Austin e  
seus atos de fala. Partindo da definição formalista para a qual qualquer coisa  
que dizemos deve ser verdadeira (ou não falsa), Austin mostra que elocuções  
performativas como “Eu prometo” ou “Eu condeno...” não são relatórios do  
verdadeiro ou falso, mas realizam uma ação. Ele retira o foco de proposições  
que podem ser verdadeiras ou falsas trazendo-o para elocuções performativas  
que podem ser felizes ou infelizes e lançando uma sombra sobre o verdadeiro e  
o falso. Os atos de fala, então, seriam a essência da linguagem e tal  
conceituação extrapolou os limites da filosofia, sendo usada também em outras  
áreas do conhecimento.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
\* Uma crítica da Filosofia da linguagem comum de Oxford ao positivismo lógico e seus influenciados que reforça os diferentes usos e pontos de vista da linguagem. “Uma breve história da filosofia analítica de Russell a Rawls”. Schwartz, Stephen P. São Paulo: Edições Loyola, 2017, p. 126 e ss.  
  
[i] 1º W = primeiro Wittgenstein.  
  
[ii] 2º W = segundo Wittgenstein.